

ENTRE SILÊNCIO E DIÁLOGO

Pierre Clastres

Os selvagens, como se sabe, desaparecem quando, no século XVI, o Ocidente triunfante lançou sua técnica, sua moral e sua fé na conquista dos Trópicos. Demasiado frágeis talvez, e desarmados para um combate tão desigual, as culturas "primitivas" apagam-se uma após outra; e, assim desapossadas de si mesmas, é à extinção e à morte que se encontram então destinados êsses homens diferentes, devolvendo ao antigo silêncio florestas e savanas doravante desertas: pois perdem o gosto de viver.

Um tão trágico balanço e a permanente conjunção entre a expansão da civilização européia e o aniquilamento das culturas primitivas obrigam a que se pergunte se não se trata nesse caso de outra coisa que não um sistemático acidente. Com efeito, além dos massacres e das epidemias, além dessa singular selvageria que o Ocidente traz consigo, há, ao que parece, imanente à nossa civilização, e constituindo a "escura metade das sombras" onde se alimenta sua luz, a muito notável intolerância da civilização ocidental diante de civilizações diferentes, sua incapacidade de reconhecer e aceitar o Outro como tal, sua recusa em deixar subsistir aquilo que não lhe é idêntico. É quase sempre através do uso da violência — grosseira ou sutil — que se efetuaram os encontros com o homem primitivo. Ou, por outras palavras, descobrimos no próprio espírito de nossa civilização, e coextensivo à sua história, a vizinhança da violência e da Razão, com a segunda não chegando a estabelecer seu reino exigente a não ser através da primeira. A Razão ocidental remete à violência como à sua condição e ao seu meio, pois tudo aquilo que não é ela própria encontra-se em "estado de pecado" e cai então no campo insuportável do desatino. E é segundo esta dupla face do Ocidente, sua face completa, que deve se articular a questão de sua relação com as culturas primitivas: a violência efetiva

da qual elas são vítimas não é estranha ao humanismo, não é senão o sinal visível de uma proximidade mais distante da razão; e não é pelo fato de estar disfarçada que esta dualidade deixa de definir nossa civilização. Tudo se passa então como se nossa cultura não pudesse se desdobrar a não ser contra aquilo que ela chama desatino.

O fato de que esta intenção de repúdio tenha encontrado os meios para se realizar na dupla circunstância favorável da expansão política e do proselitismo cristão, é o que a nossa história testemunha desde a Renascença. É necessário observar entretanto que ela já estava presente na aurora grega de nossa civilização, uma vez que então os homens se dividiam entre civilizados e bárbaros: a violência não era ainda senão aquela da linguagem. E como agora não evocar essa outra partilha entre razão e desatino de que nos fala Michel Foucault? Pois uma curiosa analogia vem desenhar a figura de um destino comum à Loucura e à Selvageria, negativamente identificadas pela dupla partilha onde, à "grande circunscrição dos pobres", faz eco a destruição das culturas primitivas. Por certo não se quer ressuscitar a velha trindade onde o selvagem e o louco, mais a criança, mantinham, para o Ocidente, a mesma relação para com o adulto civilizado. É apenas que o alienado e o selvagem se encontram situados, cada um por si, numa relação idêntica para com a razão para a qual eles são essencialmente estranhos, perigosos, e portanto objetos de exclusão ou de destruição. Demente da Europa ou selvagem da América, um e outro se vêem, contra sua vontade, promovidos a um parentesco oriundo de ter o Ocidente recusado a aliança dessas linguagens estranhas. E é talvez em nome desse mito próprio a nossos modos de pensar — o selvagem e o louco como fronteiras da razão — que se deve assistir por vezes a surpreendentes encontros: Artaud entre os Tarahumaras.

Seria injusto entretanto negligenciar as vozes que se elevam em defesa dos selvagens: de Montaigne e Léry a Diderot e Rousseau, não se deixou de lembrar que a verdadeira barbárie nem sempre era aquela que se supunha, e que muita sabedoria frequentemente inspirava as instituições e os costumes desses povos distantes. O selvagem então tornou-se rapidamente o "bom selvagem". Havia uma diferença bem nítida entre a maneira pela qual se efetuavam o encontro e o contato da Europa com os primitivos, e a função que estes assumiram, desde sua descoberta, no pensamento de certos escritores. Mas deve-se por isso considerar que esses pontos de luz "compensam", por assim dizer, a natureza profunda do relacionamento civilização-selvageria? Parece que não, pois mais do que uma procura confusa desse

diálogo ao qual o Ocidente não poderia subscrever, é uma crítica política ou moral de sua própria sociedade que nos oferecem os poetas e os filósofos. Por conseguinte, o fato de ser transformado em tema literário ou filosófico em nada mudava aquilo que antes de mais nada o selvagem via na Europa: sua violência.

Assim, em lugar de uma fraqueza congênita das civilizações primitivas através da qual se explicaria seu declínio tão rápido, é antes uma enfermidade essencial da civilização ocidental que deixa aparecer aqui a história de seu advento: a necessária intolerância ou o humanismo da Razão encontra ao mesmo tempo sua origem e seu limite, o meio de sua glória e a razão de seu fracasso. Pois não é uma, essa incapacidade de fato, ligada a uma impossibilidade estrutural, de entrar em diálogo com outras culturas?

Nesse caso não é surpreendente que a relação fundamental entre civilização ocidental e civilizações primitivas se repete de uma certa maneira, ao nível da etnologia, para conferir a esta ciência uma certa ambiguidade e marcar seu estatuto com uma côr particular. A ambiguidade específica de nossa disciplina reside, nos parece, na oposição entre sua "terra natal", seus meios e sua finalidade de uma parte, indícios de nossa cultura se desdobrando, e seu objeto de outra, constituído pelo conjunto dessas civilizações primitivas das quais a nossa precisamente exige a rejeição de sua própria linguagem para fora do campo. O paradoxo da etnologia é que ela, ao mesmo tempo, é ciência e ciência dos primitivos; que, absolutamente desinteressada, ela realiza melhor que qualquer outra atividade a idéia ocidental de ciência, porém escolhendo por objeto aquilo que está mais distante do Ocidente: o surpreendente é, finalmente, que a etnologia seja possível! Por um lado, ela se apega à própria essência de nossa civilização, e por outro, àquilo que lhe é mais estranho: e isso revela antes de mais nada como que uma insólita contradição entre a origem da etnologia e sua intenção, entre aquilo que a fundamenta como ciência e o que ela pesquisa, entre ela mesma e seu objeto. É exatamente à luz da grande partilha que se realizou entre o Ocidente e o mundo dos homens primitivos que se deve compreender a etnologia, o sentido de seu empreendimento, de seu nascimento e de seu projeto.

Ciência do homem, mas não de qualquer homem, a etnologia é conforme, *por natureza*, seria possível dizer, às exigências do pensamento científico, pois ela se move no universo da partilha: este aliás era talvez a condição de possibilidade para uma ciência deste pensamento reconhecido apenas através da separação. E esta qualidade da etnologia se exprime no fato de

ela ser um discurso sôbre as civilizações primitivas e não um diálogo com elas.

Não obstante, embora experiência da partilha, ou sobretudo por causa disso mesmo, a etnologia bem parece ser a única ponte lançada entre a civilização ocidental e as civilizações primitivas. Ou, se um diálogo entre êsses extremos separados é ainda possível, é a etnologia que permitirá ao Ocidente chegar a isso. Sem dúvida, não a etnologia "clássica", inevitavelmente marcada pela oposição — da qual nasceu — entre razão e desatino, e que por conseguinte inclui em si o limite próprio ao repúdio do diálogo. Mas uma outra etnologia, à qual seu saber permitisse forjar uma nova linguagem infinitamente mais rica; uma etnologia que, superando essa oposição tão central em tórno da qual se edificou e se afirmou nossa civilização, se transformaria ela mesma num novo pensamento. Num sentido portanto, se a etnologia é uma ciência, ela é ao mesmo tempo outra coisa que uma ciência. Em todo caso é esse privilégio da etnologia que nos parece indicar a obra de Claude Lévi-Strauss: como inauguração de um diálogo com o pensamento primitivo, ela encaminha nossa própria cultura em direção a um novo pensamento.